



Psicologia para Ativistas da Paz

pág. 5/6

Capítulo 11 Missão da nova Psicologia

A velha psicologia que é ensinada nas universidades norte-americanas e usada para treinar os psicoterapeutas desse país está enredada, junto com todo o resto do sistema educacional e meios de comunicação de massa, na rede de militarismo e iniquidade que permeia a sociedade norte-americana. Ela é incapaz de atender às necessidades daqueles que estão tentando traduzir uma visão emergente de paz para a realidade.

A nova psicologia deve proclamar os valores de paz e da justiça. Seu propósito mesmo deveria ser o de promover esses valores nas pessoas. Isso é totalmente diferente da psicologia tradicional que assume a posição de "neutralidade" política, alegando que não deve se envolver em questões de valores e propósitos. Na prática, não existe neutralidade. O silêncio só pode ser interpretado como aceitação do militarismo dominante na sociedade. A nova psicologia deve promover os valores da paz e da justiça. Deve ensinar a busca da paz como propósito da vida.

Não basta reforçar os valores de paz e justiça na família e dentro dos círculos das tradicionais organizações pela paz e pela justiça. A nova psicologia deveria participar da luta para promover os valores de paz e justiça no governo, nos meios de comunicação de massa e nos sistemas educacionais – quer seja elegendo candidatos que defendam e trabalhem pela justiça, quer na luta por programas de educação para a paz nas escolas e universidades públicas, ou ainda escrevendo a editores ou aparecendo em entrevistas na TV para promover uma alternativa ao militarismo da mídia – a tarefa é árdua mas necessária e compensadora. Basta nos colocarmos no lugar dos pais de King ou Pollack, os ministros de Balch ou Muste, os professores de Addams ou Du Bois para ver quais podem ser os frutos de nossa ação.

A crescente ênfase em valores e propósitos de paz chega numa época em que o problema da alienação é mais agudo do que nunca, para a sociedade em geral e para a psicologia em particular. Saturadas do conteúdo dos programas de violência na mídia, as crianças não sabem ao certo se conseguirão crescer e virar adultos, muito menos assumir seu lugar no ciclo das gerações. Depressão, desesperança e desalento estão em todo lugar, e os conseqüentes problemas de suicídio, abuso de álcool e drogas e criminalidade assumem proporções epidêmicas.

A raiva vem aumentando, estimulada por níveis cada vez maiores de exploração econômica e política. O terrorismo também está aumentando. Ele é conduzido em certa medida pelas forças do militarismo. Mas, em certa medida, é também gerado pela raiva acumulada nas pessoas que sentem não ter nenhum outro recurso para obter mudanças sociais. Contudo, em vez de promover a causa da paz, o terrorismo vitimiza inocentes e fragmenta o movimento pacifista, assustando as pessoas para longe da atividade. Para reduzir o terrorismo, a nova psicologia pode oferecer um canal otimista, em vez de pessimista, de canalização da raiva, transformando-a em ação construtiva em vez de destrutiva.

Muitos vêm o aumento da raiva como sinal de desespero, mas a nova psicologia verá nela uma força a ser direcionada e utilizada produtivamente. Entretanto, a raiva é ignorada como força positiva, e ativamente desencorajada pelos livros de psicologia contemporânea norte-americana. Ela é tratada como patologia ou doença, e culpada por todos os males da sociedade, inclusive a guerra e o crime, enquanto as verdadeiras causas econômicas e políticas desses fenômenos praticamente não são discutidas.

Não bastará que a nova psicologia "autorize" a raiva. A raiva é uma habilidade que precisa ser direcionada para que possa ser usada construtivamente em vez de destrutivamente 14. Quando digo que a "raiva é o combustível pessoal que resolve as contradições institucionais da história", estou sugerindo que a raiva é inútil a não ser que seja posta no "motor social", que é o movimento de paz, mostrando que a raiva assume um valor construtivo dentro do contexto social. Ao mesmo tempo, devemos nos guardar contra a utilização da raiva em movimentos sociais reacionários como o fascismo.

O uso do medo não deve ser encorajado, mas denunciado como método militarista e repressivo. O fato de que o medo não é um método motivacional eficaz para mudar atitudes é conhecido há algum tempo pelos psicólogos profissionais¹⁵. Ao contrário, o medo é usado por aqueles que buscam reprimir não só ação e filiação, mas também a expressão da raiva. Os que participam do movimento de paz, como Helen Caldicott, e que procuraram motivar as pessoas infundindo nelas o medo das conseqüências de uma guerra nuclear, deveriam repensar sua estratégia, caso contrário poderão simplesmente aumentar o sentimento de impotência e pessimismo que permeia os meios de comunicação de massa e impede as pessoas de agir.

A nova psicologia deveria contribuir para o desenvolvimento da visão emergente de uma cultura de paz. Com o fim da Guerra Fria, pode-se afirmar que tal visão agora se torna um novo estágio, plenamente evoluído, dentro do processo do desenvolvimento da consciência dos ativistas da paz (ver final do prefácio).

A velha psicologia, sem a perspectiva da cultura de paz, constitui-se num exemplo do cego que guia outro cego. Não só carece de visão, mas vem pregando o pessimismo. Mesmo se a guerra não for classificada como "instintiva" (pois não raro o mito do chamado "instinto de guerra" é ensinado nos cursos de psicologia), ainda assim a velha psicologia ensina que a personalidade, inteligência, diferenças sexuais e outras importantes características pessoais são grandemente determinadas por fatores genéticos e da primeira infância. Isso dá aos estudantes indefesos a sensação de que há pouco que possam realizar através de ação e filiação. Isso se encaixa muito bem no pessimismo dos meios de comunicação de massa, onde furacões, desastres de avião, guerras e crimes são considerados "notícia", enquanto a ação organizada em favor da paz e da justiça (por exemplo, ações sindicais) são censuradas e minimizadas 16.

Enquanto oferece uma base concreta para o otimismo, a nova psicologia deveria combater diretamente a arma psicológica do pessimismo. Deveríamos trabalhar para denunciar e eliminar a "imagem do inimigo" que é usada para justificar a corrida armamentista e o isolacionismo que impede a cooperação com o resto do mundo. Deveríamos denunciar e eliminar o mito do "instinto da guerra", por exemplo, disseminando a Declaração de Sevilha sobre a Violência 9. E deveríamos participar diretamente na luta contra o pessimismo nos meios de comunicação de massa, uma luta que provavelmente se intensificará nos próximos anos.

A nova psicologia será uma psicologia da ação, diferente da velha psicologia que ignora a ação e enfatiza, ao invés, todos os tipos de processos passivos. Os livros de psicologia estão lotados de estudos sobre o sono e o sonho, "estados de consciência" que são examinados em termos de drogas, yoga, meditação; sobre mudança atitudinal definida em termos de uma força "externa" que muda as atitudes de um sujeito passivo; e sobre traços de personalidade, inteligência e diferenças sexuais que são tratados como qualidades imutáveis herdadas. A técnica dominante na psicoterapia é aquela em que o paciente se deita num divã olhando na direção oposta ao terapeuta e relembra seus sonhos e experiências da infância. Será possível conceber uma atitude mais passiva? Mesmo que a prática da psicoterapia tenha mudado na maioria dos casos, a teoria que deu início à velha prática ainda domina a psicologia clínica.

Essa nova psicologia deve ser a psicologia do adulto. Em vez de concentrar-se sobre fatores genéticos e da primeira infância, que estão fixos no passado, deveria concentrar-se na habilidade que as pessoas têm de mudar e crescer como adultos. A idade não deveria ser vista como limite. Assim como os jovens podem adquirir consciência através da ação desde a mais tenra idade, as pessoas também podem começar a crescer quando estão muito mais velhas. Lembro-me da história de um grande ativista da paz norte-americano que praticou suas primeiras ações pela paz quando tinha 60 anos, e foi aprisionado em virtude delas aos 70. Aos 90 sua visão e conselhos lúcidos eram uma inspiração para nós, que éramos muitas gerações mais novos.

A nova psicologia deve ensinar as habilidades de filiação. Vimos, através de nosso estudo de autobiografias, que estas habilidades incluem a vontade e compromisso de aceitar a disciplina grupal, a coragem de dar de si e aceitar críticas, enquanto refreamos nossa crítica aos outros, e a paciência de ajudar os outros a desenvolverem sua própria capacidade de pensar, sentir e agir. Diante da ênfase que se dá nos Estados Unidos ao "individualismo", não é de se surpreender que os livros de introdução à psicologia não dêem praticamente qualquer espaço a essas habilidades.

A velha psicologia deve ser substituída. Como boa parte do nosso sistema educacional, ela dá sustentação ao "mito do individualismo". A competição e o individualismo começam desde os primeiros anos de escola, quando são ainda chamados de "trapacear", e seguem até a carreira acadêmica, incluindo o processo de doutoramento, que deve ser realizado sem ajuda, e também o processo de livre-docência. Nos departamentos de psicologia os trabalhos em co-autoria são em geral descartados como prova para livre-docência porque não comprovam a "competência individual" do candidato. É um mito que os estados Unidos é governado por tal "individualismo". Na realidade os banqueiros, gerentes de corporações, oficiais militares e representantes governamentais derivam seu poder não do individualismo, mas de uma rede de ação e filiação coletiva. Isto está sinalizado inclusive no vocabulário que utilizam, tal como o uso do termo "corporação".

Quais são os fatores que levam as pessoas à filiação? Quais as qualidades que uma organização precisa ter a fim de envolver mais pessoas em seu trabalho? Qual a psicologia do recrutamento e treinamento de novos membros? Como desenhar uma organização e treinar seus membros para que sejam capazes de analisar situações com clareza e agir com eficácia? Estas são algumas das perguntas que a nova psicologia deverá enfrentar. Nesse particular, será possível tirar vantagem do trabalho realizado anteriormente pela psicologia industrial e gerencial desenvolvida para servir o empreendimento capitalista. A fim de responder essas questões, os novos psicólogos terão que se filiar, eles mesmos, para poder falar de experiência própria. Já temos grupos como os Psicólogos pela Responsabilidade Social (Psychologists for Social Responsibility), e grupos similares de educadores e médicos, e também as organizações mais tradicionais de paz e justiça, onde psicólogos podem desenvolver e praticar as habilidades da filiação.

A nova psicologia tem um papel especial a desempenhar, ajudando os ativistas a alcançarem a integração pessoal de suas vidas políticas. O esgotamento torna-se um risco maior quando ativistas se vêem diante de um número cada vez maior de ações potenciais e compromissos organizacionais. Se tentarmos nos envolver com todas as ações e trabalhar com todas as organizações, a tarefa se torna opressiva. Em vez disso, ativistas devem aprender a dividir o fardo com os outros e desenvolver uma situação familiar e profissional estável, que lhes ofereça apoio para poderem desempenhar uma atividade sustentável de longo-prazo.

É verdade que a prática clínica psicoterápica se dedica às questões de integração pessoal, mas isto por si não é suficiente. Sem o compromisso explícito com valores de paz e justiça, com a ação em prol desses valores, a prática psicoterápica leva apenas ao individualismo, à satisfação de necessidades particulares, e afastamento das lutas históricas – a única arena onde a consciência pode desenvolver-se plenamente. Precisamos formar mais "psicoterapeutas de movimento" que coloquem os problemas de integração pessoal dentro da estrutura do compromisso com a ação e filiação pela paz e justiça. Em vez de clinicarem de forma isolada ou em pequenos grupos, como acontece agora, os novos psicoterapeutas deveriam unir-se como componente fundamental da nova psicologia e do movimento de paz como um todo.

Por fim, o maior desafio da nova psicologia é o de ajudar a treinar líderes do movimento pela paz que tenham chegado à consciência histórica mundial. Da forma como foi desenvolvida por Debar, Du Bois e King, tal liderança supera o sectarismo e unifica todas as ideologias antiguerra transformando-as numa grande força operante pela paz. Essa liderança sabe como as pessoas se sentem. Sabe analisar os pontos fortes e fracos de todas as forças políticas de forma sistêmica, radical e aprofundada. Consegue ampliar o caráter político do movimento e mantê-lo no compasso da história. E, hoje mais do que nunca, deve apreender e expressar a visão de paz emergente e oferecer inspiração ao movimento de paz nas lutas decisivas que se virão.

A missão de desenvolver lideranças com consciência histórica mundial não é tarefa exclusiva da psicologia, mas missão central do movimento de paz como um todo, ao qual a nova psicologia deveria estar totalmente integrada. De dentro do movimento pela paz emergirão líderes que possuem as qualidades de consciência histórica mundial, e que fizeram de seu trabalho pela paz não apenas sua única profissão, mas o próprio cerne de seu ser. Como disse Debs, estes são os "construtores sociais". Ajudar a reconhecer e desenvolver tais líderes é a missão suprema à qual é chamada a nova psicologia.

Tradução do original em inglês: Tônia Van Acker.
Associação Palas Athena - www.palasathena.org

www.palasathena.org



[pág. anterior \[4/6\]](#)



[próxima pág. \[6/6\]](#)



[voltar](#)